



## **COMPREENSÃO SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA REDE MUNICIPAL DE ARAPIRACA-ALAGOAS: o que dizem os professores alfabetizadores?**

*Jânio Nunes dos Santos<sup>1</sup>*

*Patrícia dos Santos Moura Cavalcante<sup>2</sup>*

*Thammy Cristina de Oliveira Nascimento<sup>3</sup>*

**Eixo temático: 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores**

**Resumo:** Esta investigação tem por objetivo discutir a compreensão dos professores alfabetizadores da rede municipal de Arapiraca-AL acerca da alfabetização e do letramento, enquanto saberes-fazeres necessários à prática alfabetizadora. Para discussão teórica, são mobilizados autores como Soares (2003; 2016; 2022), Morais (2019) e Tfouni (2005) que situam os conceitos em pauta. Adotou-se a metodologia do tipo Pesquisa-ação (THIOLLENT, 1999) com a participação de 273 professores alfabetizadores que frequentam a formação continuada ofertada pela Semed-Arapiraca. Para tal, utilizou-se um questionário como instrumento de coleta de dados, os quais foram analisados à luz da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Os dados revelaram a necessidade de intervenção por parte do Núcleo de Formação Continuada para o fortalecimento da compreensão sobre alfabetização e letramento pela maioria dos professores integrantes da pesquisa/formação continuada, bem como a discussão acerca das concepções de língua para além do código linguístico.

**Palavras-chaves:** Alfabetização; Letramento; Formação continuada de professores alfabetizadores.

<sup>1</sup>Doutor em Educação pelo PPGE/UFAL. Professor do magistério superior na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Contato: [jnio.nunes@gmail.com](mailto:jnio.nunes@gmail.com)

<sup>2</sup>Especialista em Psicopedagogia pela ULBRA. Professora formadora da Secretaria Municipal de Educação de Arapiraca. Contato: [paty123613@gmail.com](mailto:paty123613@gmail.com)

<sup>3</sup>Especialista em Educação Inclusiva pela UNICID. Professora formadora da Secretaria Municipal de Educação de Arapiraca. Contato: [thammycristinajppg0903@gmail.com](mailto:thammycristinajppg0903@gmail.com)

## **Introdução**

O interesse em discutir sobre a compreensão de professores alfabetizadores da rede municipal de educação de Arapiraca-AL surgiu dos apontamentos discursivos desses alfabetizadores acerca da grande quantidade de alunos a serem alfabetizados nas turmas em que atuam no ciclo de alfabetização (1º e 2º ano do ensino fundamental), mas, sobretudo, daquelas que compõem o ciclo de ortografização (3º ao 5º ano do ensino fundamental).

Nesse contexto e nesta discussão, compreende-se professores alfabetizadores todos aqueles que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) considerando a realidade da rede em pauta, na qual há alunos em processo de alfabetização em todas as turmas referidas, segundo o diagnóstico de leitura e escrita realizado no início do ano letivo 2023. A rede municipal de Arapiraca atende, em torno de, 30.000 alunos matriculados e distribuídos entre a educação infantil (creche e pré-escola) e o ensino fundamental (1º ao 9º ano). Os professores, por vez, além da formação nas unidades escolares, também participam de formação continuada mensal no Centro de Formação de Professores da Secretaria Municipal de Educação e Esporte, gerida e organizada pelo Núcleo de Formação Continuada (NFC).

No primeiro encontro formativo, ocorrido em março do corrente ano, foi ouvido, pelos formadores, o grito uníssono acerca da necessidade de alfabetizar alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, sentiu-se a necessidade de mapear a compreensão dos professores alfabetizadores acerca do processo de alfabetização e de letramento, bem como as competências que eles (os professores) consideram necessárias a uma criança plenamente alfabetizada. Eis que as respostas dos professores levaram a uma importante reflexão: há clareza conceitual e metodológica acerca do processo de alfabetização por parte de todos os alfabetizadores? Todos eles compreendem a relação da alfabetização com o letramento, este enquanto práticas sociais que envolve a língua escrita articulado àquela (a alfabetização)?

Objetiva-se, portanto, discutir a compreensão dos professores alfabetizadores da rede municipal de Arapiraca acerca da alfabetização e do letramento, enquanto saberes-fazer necessários à prática alfabetizadora. Saberes e fazeres que orientarão o processo de formação continuada, na busca por fortalecer a relação teoria-prática nos moldes de uma pesquisa-ação/formação que visa lançar luz sobre o problema da alfabetização dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, bem como na compreensão da alfabetização articulada ao letramento pelos professores alfabetizadores da referida rede.

Coma aponta Freire (1987, p. 50), ao pensar a formação docente, é necessário investigar o “pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus “temas geradores”. Sendo assim, pensar os saberes-fazer dos professores e sua práxis, a partir de como compreendem a alfabetização e o letramento, conduz ao realinhamento de uma formação continuada que atenda às necessidades formativas desses sujeitos.

## **2 Alfabetização e Letramento: situando conceitos**

O processo histórico de construção do(s) conceito(s) da alfabetização no Brasil se confunde, sobretudo, com a própria história dos métodos (sintético, analítico e misto), segundo MORTATTI (2000), passando da conceitualização de uma pessoa alfabetizada como a que lê e escreve uma frase simples, para a concepção de sujeito alfabetizado e letrado, sendo este o que compreende o sistema de escrita alfabética e sua notação, bem como faz uso da escrita nas práticas sociais. Os conceitos de alfabetização foram se refinando ao longo do século XX, e ,no Brasil, reconfiguram-se, sobretudo, com o advento do letramento, a partir de meados da década de 1980.

A alfabetização, portanto, “refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de uma habilidade para a leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem” (TFOUNI, 2005, p. 9). Também pode ser entendida como a aprendizagem de uma técnica (SOARES, 2003). Isto se explica quando, no processo de alfabetização, o objeto de aprendizagem inicial da língua é o sistema alfabético-ortográfico, com foco explícito no desenvolvimento das competências de notar/representar de forma escrita a cadeia sonora da fala (os sons/fonemas), privilegiando-se a faceta linguística da alfabetização, conforme propõe Soares (2016).

A técnica referida, para além da relação grafema-fonema na notação da cadeia sonora da fala, compreende, ainda, a aprendizagem motora de como se deve pegar no lápis; de que para escrever o aluno deve seguir uma orientação espacial (da esquerda para a direita e de cima para baixo); que a formação das palavras acontece de acordo com o uso de uma sequência determinada de letras (SOARES, 2022). Assim, a alfabetização entendida como a aprendizagem de uma técnica pressupõe o ensino explícito e formal do sistema alfabético-ortográfico, de modo que sejam enfatizados aspectos que evidenciam a memorização e a repetição, mas não no mesmo sentido em que foram atribuídos os métodos tradicionais de alfabetização (MORTATTI, 2000), visto que necessita de estar articulada às facetas interativa (a partir dos gêneros textuais/discursivos) e sociocultural (da língua escrita em uso nas práticas sociais) (SOARES, 2016). Assim, Soares (2022, p.27) reforça, que, para além das

habilidades motoras, “alfabetização é o processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e escrita”. domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas”.

Ressalta-se que, por muito tempo, a alfabetização esteve ligada discursiva e ideologicamente à aprendizagem de um código relacionado às habilidades de codificar (escrever) e decodificar (ler), o que ocasionava, dentre outras questões, no fracasso escolar ou simplesmente em sujeitos alfabetizados funcionalmente: “assim, até os anos 1980, a alfabetização era considerada a decifração e cifração de um código” (SOARES, 2022 p. 10).

Essa visão acerca da língua como código tem sido combatida há alguns anos, tendo os estudos de Moraes (2019) e Soares (2016) a explicação para a nomenclatura “sistema notacional” como mais adequado: a escrita constitui-se na representação da cadeia sonora da fala como sistema notacional, visto que os grafemas notam (representam) os fonemas em um sistema alfabético de escrita. Nessa perspectiva, código, codificar e decodificar sugere mecanização da aprendizagem da escrita, negando e negligenciando as questões outras da língua, tal como o seu caráter social, que ultrapassa o caráter meramente escolar da escrita.

Por isso, é indispensável pensar a alfabetização assentada nas três facetas/camadas (SOARES, 2016; 2022) referenciadas, evitando o conceito restrito que privilegia o código linguístico. São as facetas/camadas interativa e sociocultural da alfabetização responsáveis por formar leitores e produtores de texto. Portanto, essas facetas se inserem no campo do letramento. Desse modo, Soares (2022, p. 27) conceitua letramento como “a capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos - para informar ou informar-se, para interagir com outros [...]”.

Depreende-se que o letramento envolve tanto as habilidades de produção, leitura e compreensão de textos variados e em circulação, como a compreensão de sua utilização para a prática produtiva nas atividades da vida diária em coletividade que demandam a escrita.

Assim, sumariza-se que alfabetização e letramento, enquanto processos cognitivos e linguísticos distintos com aprendizagens de natureza também distintas, devem se dá de maneira simultânea e interligadas: “a alfabetização [...] não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 2022, p. 27).

A articulação entre saberes-fazeres acerca da alfabetização e do letramento reveste-se de importância por tornar a prática alfabetizadora mais consciente, embora Chartier (2010, p. 13) aponta que os professores se valem de “[...] um número considerável de ‘saberes

científicos' em suas salas de aula, mas eles nem sempre têm consciência disso, porque certos saberes já pertencem tanto a suas categorias de pensamento e de sua cultura escolar que eles os utilizam como se fossem realidades naturais”.

Como aponta Tardif (2002), a perspectiva que investiga os saberes dos professores pode contribuir com o desenvolvimento profissional deles, sobretudo no processo de formação continuada. Depreende-se, portanto, a necessidade de clareza teórico-conceitual-metodológica pelos professores alfabetizadores para que o processo de alfabetização seja melhor executado, no movimento reflexão-ação-reflexão, conceituado por Freire (1987) como práxis pedagógica.

### 3 Metodologia

Para o desenvolvimento desta discussão, trilha-se o percurso metodológico da Pesquisa-ação, que “[...] pode ser concebida como um procedimento de natureza exploratória, com objetivos a serem determinados pelos pesquisadores conjuntamente com os interessados. Os resultados da exploração são úteis para elucidar a ação e para desencadear outras pesquisas” (THIOLLENT, 1999, p. 87).

Valeu-se de questionário, como instrumento para a coleta de dados, com duas questões subjetiva: 1) Como você define alfabetização e letramento? Há diferença entre eles? Se sim, quais?; 2) O que você considera necessário para uma criança ser/estar alfabetizada?

Nesta discussão, observar-se tão somente a primeira questão, a partir das respostas de 273 professores alfabetizadores, que fizeram emergir 3 categorias acerca da compreensão sobre alfabetização e letramento, conforme o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Categorias emergentes da compreensão dos professores alfabetizadores sobre alfabetização e letramento.

PROFESSORES	CLAREZA SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	LETRAMENTO COMO COMPREENSÃO DO LIDO	POUCA CLAREZA ACERCA DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO
1º e 2º ano	28	44	50
3º e 4º ano	15	31	56
5º ano	17	22	10

Total	60	97	116
-------	----	----	-----

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Com base no uso da Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), serão tecidas as análises dos enunciados concretos dos professores alfabetizadores, considerando as categorias de compreensão/entendimento sobre alfabetização e letramento.

#### 4 Discursos formativos dos professores alfabetizadores em análise

A partir do resultado do estudo das respostas do questionário proposto aos professores alfabetizadores, constata-se percentuais bastantes expressivos, sobretudo nas categorias em que a alfabetização e o letramento não se encontram, de todo, bem compreendidos, conforme o Gráfico 1:

Gráfico 1: Compreensão sobre alfabetização e letramento



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Evidencia-se que apenas 22% do total de professores pesquisados tem clareza sobre alfabetização e letramento construindo suas práticas pautadas de acordo com as camadas da aprendizagem da língua escrita, segundo Soares (2016; 2022), para estes professores, suas práticas estão atreladas tanto em ensinar o sistema de escrita alfabética, como também, a utilização do uso da escrita em contextos culturais e sociais. Os enunciados concretos representativos deste grupo apontam a relação da escrita com as práticas sociais:



Alfabetização é o processo de aquisição da leitura e da escrita. Letramento é a utilização da leitura e da escrita no contexto social (Alfabetizador 1)

Sim. Alfabetização é quando o aluno compreende e interpreta as codificações. Letramento é quando o aluno utiliza as codificações em sua vivência. Exemplos: ler e interpretar um texto é alfabetização; passar um troco é letramento (Alfabetizador 2)

Como se observa, dentro desse grupo que apresentou mais compreensão sobre os conceitos e processos em pauta, há gradações nos entendimentos. O Alfabetizador 2 consegue conceituar e exemplificar, o que reforça a ideia de compreensão. No entanto, há em seus discursos os termos “codificações, codificar e decodificar”, que não representam a aprendizagem da língua escrita enquanto sistema notacional (SOARES 2022; MORAIS, 2019) em que se ancora a teoria do letramento. Há, portanto, mais um ponto a ser abordado nas formações ao longo do ano: as concepções de língua.

As respostas dos professores que definiram letramento como a compreensão do lido apontam que 36% do total de pesquisados demonstraram compreender o letramento de uma forma um tanto limitada, tendo em vista, que seu trabalho visa somente a questão do letramento como a leitura, a fluência e a compreensão do que foi lido, mas sem se preocupar com os usos nas práticas sociais, ao menos não estiveram presentes em seus discursos. Isso se insere na faceta/camada interativa, em que há o trabalho com gêneros textuais/discursivos (SOARES, 2016):

A alfabetização se refere aos alunos que aprendem a ler e escrever, enquanto letramento, além de ler o aluno interpreta o que está escrito (Alfabetizador 3).

Alfabetização é quando o aluno decifra os códigos linguísticos, ou seja, lê com fluência e letramento é a compreensão da leitura (Alfabetizador 4).

Alfabetização é compreender como funciona o código linguístico, enquanto o letramento é a compreensão, o entendimento geral por trás de uma escrita (Alfabetizador 5).

Como se observa nos enunciados acima, a língua escrita também segue compreendida como código. Para além disso, entende-se que, na compreensão de letramento, os professores necessitam ampliá-la, tendo em vista que o letramento se constitui de “[...] capacidade de ler ou escrever [...]; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos [...]” (SOARES, 2022, p. 27), mas extrapola essa camada e constitui-se também das demandas sociais e culturais de escrita. A escrita e a leitura, portanto, estão a serviço dos usos reais, por isso não devem ser concebidas tão somente como práticas escolarizadas, como se fossem “coisa” apenas da escola.

Por vez, e diante da observação da explicação dos professores com pouca clareza acerca da alfabetização e letramento, 42% do total de professores pesquisados encontram-se no entendimento de que alfabetização e letramento consistem no mesmo conceito/processo, ou seja, que não há uma distinção entre os dois, ao contrário do que expressa Soares (Ibidem), quando cita que: “Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente”, embora interligados. Neste grupo, professores compreendem que

Letramento é o conhecimento das letras. Alfabetização é o conhecimento das letras e a leitura delas (Alfabetizador 6).  
Alfabetização é entender o que está lendo. Letramento é apenas o conhecimento das letras (Alfabetizador 7).

Os enunciados dos alfabetizadores 6 e 7 representam a confusão entre os conceitos/processos e, por extensão, pouca clareza acerca dos mesmos. Assim, observa-se que 116 professores do total de 273, ainda, percebem a escrita limitada a faceta linguística da alfabetização, ao apontar a relação do conhecimento das letras e símbolos bem como a leitura dos mesmos. Essa confusão entre os conceitos pode ser um dos fatores a contribuir com o grande número de alunos não alfabetizados nas turmas do ciclo de alfabetização (1º ao 5º ano), pois como aponta Chartier (2010), os saberes e fazeres da ordem do dia, da prática alfabetizadora podem estar distanciados da clareza sobre saberes teóricos básicos que são essenciais, a exemplo da compreensão dos processos de alfabetização e letramento por um professor alfabetizador.

## **5 Considerações Finais**

Conclui-se, a partir da análise dos dados a necessidade de intervenção por parte do Núcleo de Formação Continuada (NFC) para a compreensão de conceitos básicos necessários aos professores alfabetizadores, tais como a alfabetização e o letramento. Os enunciados concretos dos professores alfabetizadores revelaram também a necessidade formativa de se discutir nos momentos de formação continuada as concepções de língua e suas relações com os processos de ensino e aprendizagem da escrita, considerando o desalinhamento entre a perspectiva do alfalettrar (SOARES, 2022) com os conceitos de código, codificar e decodificar, bem presentes em seus discursos.

Por fim, as formações continuadas necessitam de fortalecer a relação teoria-prática tendo em vista o problema da alfabetização dos alunos dos anos iniciais do ensino



fundamental na rede municipal de Arapiraca, pensando saberes-fazer mais conscientes ancorados na concepção de práxis freireana.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

CHARTIER, A. M. **Ensinar a ler e escrever, entre teoria e prática**. Palestra apresentada na V Semana da Educação, da Fundação Victor Civita. São Paulo, 20 de outubro de 2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1635/palestra-de-anne-marie-chartier-na-semana-daeducacao-2010>> Acesso em: 28 mar. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MORAIS, A. G. Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo 1876/1994. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SOARES, M. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional** Petrópolis: Vozes, 2002.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2005.

THIOLLENT, M. **Notas para o debate sobre pesquisa-ação**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 82-103.